

Construindo posições na literatura brasileira contemporânea: A trajetória de Conceição Evaristo

Bruno Duarte Nascimento

Este trabalho discute a construção das posições de escritoras negras na literatura brasileira contemporânea. Para tanto, analiso a trajetória social e literária da escritora negra brasileira Conceição Evaristo, nascida em 1946 em Minas Gerais. Considero o estudo de seu itinerário pertinente para esse propósito pela carreira literária relativamente consolidada, ainda que em um espaço marcadamente androcêntrico e de uma homogeneidade racial branca. Tomo como referência teórica e metodológica os trabalhos do sociólogo Norbert Elias, em especial *Mozart, sociologia de um gênio* (1995). Utilizo o material de caráter biográfico coligido por meio de uma revisão de trabalhos sobre a escritora e do acesso à base de dados sobre escritoras(es) afrobrasileiras(os) disponível no portal Literafro da UFMG.

Palavras-chave: sociologia, literatura brasileira contemporânea, trajetórias, escritoras negras, posições sociais

Building Positions in Contemporary Brazilian Literature: The Conceição Evaristo Trajectory discusses the construction of the positions of black women writers in contemporary Brazilian literature. For that, the trajectory (social and literary) of the black Brazilian writer Conceição Evaristo, born in 1946 in Minas Gerais, were analyzed. The study of its itinerary was considered pertinent to this purpose by the relatively consolidated literary career, albeit in a markedly androcentric space and white racial homogeneity. I've taken as theoretical and methodological reference the works of the sociologist Norbert Elias, in particular *Mozart, Sociology of a Genius* (1995). The biographical material was collected through a review of works on the author and access to the Afro-Brazilian writers' database available on the Literafro portal of UFMG.

Keywords: sociology, contemporary Brazilian literature, trajectories, black writers, social positions

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Ceará (UFC, Fortaleza, Brasil) e bacharel e licenciado em ciências sociais pela mesma universidade.

E-mail: brunoduartenascimento@gmail.com

Considerações iniciais

A problemática das ausências

A discussão central deste trabalho é a construção social das ausências e das presenças de escritoras negras e seus textos no espaço de produção da literatura brasileira contemporânea. O objetivo é problematizar ausências, reconhecendo presenças. Três caminhos levaram-me a essa discussão.

O primeiro diz respeito ao acesso do público leitor à literatura de autoria feminina negra brasileira contemporânea. Consultei sete acervos de bibliotecas locais e nacionais, principalmente as das universidades públicas federais. Constatei o seguinte quadro: dois dos acervos não contam com nenhum texto de ficção de autoria feminina negra brasileira; nos outros cinco, há uma presença escassa dessas produções. A análise dos catálogos dos sebos on-line revelou duas situações: a primeira foi a de uma ausência total dos textos de escritoras negras em dois dos acervos consultados, e a segunda, a de uma presença escassa em outros quatro. De modo semelhante, o exame dos catálogos das livrarias revelou uma presença parca de autoras negras. Os nomes de algumas delas sequer constavam na listagem de livros disponíveis¹. Logo, caso deseje, o público leitor está impossibilitado de acessar, tomar de empréstimo ou adquirir via transação comercial esse tipo específico de produção literária.

O segundo caminho diz respeito à imagem da literatura brasileira contemporânea, que é socialmente reconhecida, porém pouco questionada. Sua compleição atual é, principalmente, fruto de um conjunto de autores, obras e personagens. A conjugação desses elementos tem sido responsável pela composição de uma imagem muito peculiar. A pesquisa de Regina Dalcastagnè (2005) mostra-nos que a personagem delineada pela escrita literária brasileira contemporânea tem feições muito específicas². Se cruzamos as informações relacionadas às construções das personagens com a das trajetórias autorais possíveis no espaço literário nacional, constatamos a presença exígua de mulheres negras, seja como personagens ou autoras. Apesar de não receber essa etiquetagem, a literatura brasileira contemporânea é majoritariamente de autoria masculina branca.

O último caminho que me levou à discussão aqui apresentada diz respeito à presença de escritoras negras nos espaços com poder de consagração literária, como, por exemplo, as agremiações e os festivais literários nacionais. Constatei apenas uma presença negra no total de 40 vagas ocupadas atualmente na Academia Brasileira de Letras (ABL)³. A Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) tem o histórico de lacunas de escritores/escritoras negros/negras em sua

1. A busca pelas ficções de autoria feminina negra brasileira nos espaços supracitados ocorreu por meio dos nomes das autoras e dos termos "escritora negra", "escritoras negras", "mulher negra", "mulheres negras", "autora negra", "autoras negras", "literatura feminina brasileira", "autoria feminina negra brasileira". Acessei e consultei os acervos disponíveis on-line das seguintes livrarias, bibliotecas e sebos: I) Livraria Cultura (disponível [on-line] em: <https://goo.gl/koKoNa>), Livraria Saraiva (disponível [on-line] em: <https://goo.gl/p5zh12>); II) Sebos on-line: Amazon (disponível [on-line] em: <https://goo.gl/oBAVKi>), Estante Virtual (disponível [on-line] em: <https://goo.gl/QsHDvK>), Sebos On-line (disponível [on-line] em: <https://goo.gl/qtPfcI>), Livros Difíceis (disponível [on-line] em: <https://goo.gl/vg2eTa>), Livronauta (disponível [on-line] em: <https://goo.gl/sWxwxD>), Super Acervo (disponível [on-line] em: <https://goo.gl/vChYTF>); III) Bibliotecas: Catálogo on-line do sistema de bibliotecas da Universidade Federal do Ceará (UFC) (disponível [on-line] em: <https://goo.gl/QLwqzk>), Catálogo on-line do sistema da biblioteca Municipal Dolor Barreira (disponível [on-line] em: <http://biblioteca.link/biblivre5/dolorbarreira/>), Acervo on-line do sistema de bibliotecas da Universidade Nacional de Brasília (UnB) (disponível [on-line] em: <https://goo.gl/yT8C7m>), Catálogo on-line do Sistema de bibliotecas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) (disponível [on-line] em: <https://goo.gl/KtWEYZ>), Acervo on-line da Biblioteca Nacional (disponível [on-line] em: <https://goo.gl/6tXdzP>), Acervo on-line do Sistema Integrado de Bibliotecas Universidade de São Paulo (USP) (disponível [on-line] em: <https://goo.gl/YUUEhm>), Acervo on-line do Sistema de bibliotecas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (disponível [on-line] em: <https://goo.gl/AvG9zR>), Catálogo on-line do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (disponível [on-line] em: <https://goo.gl/8W9N8B>).

2. Trata-se do estudo "A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004". O corpus da pesquisa foi constituído de 258 obras e 165 autores, publicados pelas três principais editoras do mercado nacional no período de 1990 a 2004, a saber: Companhia das Letras, Editora Record e Editora Rocco (DALCASTAGNÈ, 2005). A maioria das personagens é do gênero masculino, ou seja, 62,1% do corpus estudado. Outro aspecto relevante é a cor da personagem. As personagens brancas constituem ao todo 79,8%, enquanto as negras perfazem o total de 7,9%. Do total de 165 autores publicados pelas grandes casas editoriais do país, 120, isto é, 72,7% são homens. Além disso, 93,9% desses escritores e escritoras são brancos/brancas. Há, portanto, uma homogeneidade racial e uma prerrogativa de gênero dentro do espaço literário brasileiro atual.

3. Trata-se do acadêmico Domício Proença Filho, nascido em 1936 no Rio de Janeiro. Para informações sobre membros atuais, ver (on-line): <https://goo.gl/zwgZDg>

programação⁴. Em 2016 essa falta foi acentuada, motivando contestações. Uma delas foi de caráter coletivo. Uma carta aberta endereçada à Flip foi redigida a partir de um encontro de escritoras e intelectuais negras brasileiras. Nela, há a crítica ao processo de exclusão de suas trajetórias e textos dos espaços do festival.⁵

O reconhecimento das presenças

Tão importante quanto denunciar as ausências e constatar o quão problemática elas são, é compreender como as presenças se constituem. Desse modo, a pesquisa aqui apresentada concentra-se em investigar o processo de construção das presenças de escritoras negras no espaço de produção da literatura brasileira contemporânea. Dito de outro modo, busco compreender de que maneira tem sido possível para essas mulheres negras de letras ocupar posições dentro do espaço literário nacional. Para tanto, analiso a trajetória social e literária da escritora negra brasileira Conceição Evaristo, nascida em 1946, em Minas Gerais. Considero o estudo de seu itinerário pertinente para esse propósito pela carreira literária relativamente consolidada da autora, ainda que em um espaço marcadamente androcêntrico e caracterizado por uma homogeneidade racial branca.

Tomo como referência teórica e metodológica os trabalhos do sociólogo Norbert Elias, em especial *Mozart, sociologia de um gênio* (1995). Em primeiro lugar, a ideia é pensar o espaço literário brasileiro contemporâneo como uma figuração em processo. Em segundo, analisar a trajetória social e literária de Conceição Evaristo sob uma perspectiva figuracional.

Configuração, ou ainda figuração, e processo, são noções-chave da teoria eliasiana. Há uma vasta obra na qual o sociólogo testa a potência analítica desses conceitos por meio de sua mobilização para o estudo de experiências concretas (ELIAS, 1993, 1994, 1995, 1997, 2001). Eu os utilizo em concordância com a tradução de *Escritos & ensaios 1: Estado, processo, opinião pública* (2006). Nesse texto, Elias sintetiza seu par conceitual. Em suas palavras:

Embora não possuam um começo absoluto, não tendo nenhuma outra substância a não ser seres humanos gerados por mães e pais, as sociedades humanas não são simplesmente um aglomerado cumulativo dessas pessoas. O convívio dos seres humanos em sociedades tem sempre, mesmo no caos, na desintegração, na maior desordem social, uma forma absolutamente determinada. É isso que o conceito de figuração exprime. Os seres humanos, em virtude de sua interdependência fundamental uns dos outros, agrupam-se sempre na forma de figurações específicas (ELIAS, 2006, p. 26).

4. Os dados levantados são da ONG Gênero e Número por ocasião da Flip 2017. Para a matéria principal, ver (on-line): <https://goo.gl/BybPWy>. Para acesso aos dados tabulados com o nome dos autores e autoras, o gênero e a raça de cada um deles por edição da Flip, ver (on-line): <https://goo.gl/NNcpAv>

5. Realizei *clipping* de matérias a fim de acompanhar discussão que se estendeu de maio a julho de 2016, ou seja, antes, durante e depois da Flip daquele ano. O texto da carta pode ser acessado através do endereço (on-line): <https://goo.gl/Pa55Pd>

O conceito de processo social refere-se às transformações amplas, contínuas, de longa duração – ou seja, em geral não *aquém* de três gerações – de *figurações* formadas por seres humanos, ou de seus aspectos, em uma de duas direções opostas. Uma delas tem, geralmente, o caráter de uma ascensão, a outra o caráter de um declínio. Em ambos os casos, os critérios são puramente objetivos (Idem).

Essas noções determinam-se mutuamente. Portanto, é possível considerar figurações em processo e, ao mesmo tempo, processos que constituem figurações. De um lado, temos uma rede de relações de interdependências que um indivíduo forma com outros a se inscrever no tempo e a configurar processos. Por outro, temos processos sociais a constituir figurações. A meu ver, as implicações metodológicas de pensar o espaço literário brasileiro contemporâneo com Elias são as seguintes:

I. Estudar o espaço de produção da literatura brasileira atual é entender a figuração na qual os textos de ficção estão inseridos, ou seja, entender a dinâmica da rede de relações de interdependência que os indivíduos responsáveis por sua produção, circulação e consumo formam uns com os outros;

II. Analisar o estado atual da rede de relações de interdependência da figuração da literatura brasileira contemporânea não é suficiente para explicá-la. É necessário compreendê-la à luz de processos de longa duração, os quais concorreram para o estado presente de sua estrutura e das posições nela inscritas. É impossível prever a direção para a qual essa figuração caminha. Isso dependerá do estado das circunstâncias. Como dito, a figuração está em processo. Ela está a se fazer constantemente. Sua direção é dada pela combinação de eventualidades e das escolhas individuais em meio às disputas por poder;

III. Analisar as trajetórias sociais e literárias das escritoras negras como trajetórias configuradas. A figuração da literatura nacional contemporânea não é uma estrutura externa a elas, tampouco as antecede. Ela se constitui ao mesmo tempo em que as trajetórias das escritoras se desenrolam. Portanto, são processos formativos de estruturas sociais e individuais se desenvolvendo em concomitância. Dito de outro modo, a sociogênese e a psicogênese entrelaçam-se e determinam-se reciprocamente.

A sociologia de um gênio de Elias é uma referência instigante para a montagem de trajetórias de indivíduos artistas. Por meio do estudo do itinerário do músico e compositor Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791) na sociedade de corte europeia do século XVIII, o sociólogo mostra-nos a construção de uma estrutura psíquica

(psicogênese) conjugada com uma estrutura social (sociogênese). As tensões vividas por Mozart eram as tensões estruturais de sua sociedade transpostas em uma escala menor. Eram os conflitos entre classes – de um lado, a aristocracia de corte e, por outro, a burguesia –, experimentados no plano individual. Nas palavras de Elias:

A vida de Mozart ilustra nitidamente a situação de grupos burgueses *outsiders* numa economia dominada pela aristocracia de corte, num tempo em que o equilíbrio de forças ainda era muito favorável ao *establishment* cortesão, mas não ao ponto de suprimir todas as expressões de protesto, ainda que apenas na arena, politicamente menos perigosa, da cultura (ELIAS, 1995, p. 16).

Mas até agora não nos falta apenas um estudo global sobre o curso e a estrutura do longo conflito de classes entre a nobreza e a burguesia nas sociedades europeias (e outras); faltam-nos, também, estudos sobre muitos aspectos individuais que aqui nos interessam. A vida de Mozart ilustra um destes aspectos de maneira verdadeiramente paradigmática – o destino de um burguês a serviço da corte no final do período, quando, em quase toda a Europa, o gosto da nobreza de corte estabelecia o padrão para os artistas de todas as origens sociais, acompanhando a distribuição geral do poder. Isto se aplicava especialmente à música e à arquitetura (Idem, p. 17).

As reflexões acerca das relações entre a tríade artista, obra de arte e sociedade, assim como a análise das tensões entre as opções pessoais e estéticas frente aos constrangimentos sociais de uma época, são inspiradoras para o traçado analítico da trajetória de Conceição Evaristo. Por meio dessa perspectiva figuracional, esse itinerário tem o potencial de fornecer pistas de como a figuração da literatura brasileira contemporânea tem montado seus cânones. Além disso, em uma perspectiva processual, algumas questões se impõem: quais relações de permanência e de ruptura que a atual figuração da literatura nacional teria com a dos dois séculos anteriores? Quais as convenções sociais têm incidido sobre as convenções literárias? De que maneira isso tem acontecido? A que e a quem elas têm privilegiado? Apesar de este trabalho não ter como objetivo responder a todas essas questões, julgo importante trazê-las à baila nesta discussão.

A trajetória configurada de Conceição Evaristo

A escritora negra na mulher negra

Utilizo o material de caráter biográfico coligido por meio de uma revisão de trabalhos sobre a escritora e do acesso à base de

dados sobre escritoras/escritores afrobrasileiras/afrobrasileiros disponível no portal Literafro da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A primeira entrevista está presente no trabalho de Osmar da Silva Lima (2009). De acordo com o autor, a narrativa da escritora foi colhida via e-mail em 2007. A segunda é um depoimento concedido pela escritora em 2009, por ocasião do I Colóquio de Escritoras Mineiras, na Faculdade de Letras da UFMG. A transcrição dessa fala está disponível no sítio do portal Literafro/UFMG. Além disso, tenho reunido informações por meio da coleta de matérias jornalísticas (nos suportes impressos e/ou on-line) sobre a carreira da escritora e no acompanhamento de suas páginas nas redes sociais.

Elias, ao tecer suas reflexões sociológicas sobre Mozart, dá resposta à questão de o porquê de ele ter desistido de viver. Não à toa, ele iniciou o texto com um esboço da tragédia do músico na sociedade de corte europeia do século XVIII e continuou com o traçado da trajetória que o levou a abrir mão de sua vida. Para tanto, o autor montou a “configuração Mozart”, isto é, a rede de relações de dependências recíprocas entre indivíduos na qual ele estava posicionado. Não se tratava do indivíduo Mozart em si, mas da posição social de burguês e de músico que ele ocupou naquela figuração. Portanto, as respostas para os fracassos e/ou êxitos individuais não podem ser encontradas exclusivamente na pessoa em si. Mas, elas podem ser melhor e adequadamente respondidas por meio do estudo da configuração de uma pessoa, ou seja, da rede de relações de interdependências que ela forma com outros indivíduos.

Do ponto de vista comum não seria difícil encontrar apenas na satisfação de um desejo pessoal, a resposta para a pergunta de o porquê da predileção de Conceição Evaristo pelo ofício de escritora, entre tantas outras atividades profissionais possíveis. Não pareceria suspeito justificar o reconhecimento e o êxito de seus empreendimentos literários exclusivamente por meio da presença ou ausência de predicados individuais e artísticos, como, por exemplo, a existência de um talento literário “nato” ou do valor estético intrínseco de seus textos.

No entanto, a carreira relativamente consolidada de Evaristo e a posição de escritora negra que ela tem conquistado e lutado para sustentar na figuração da literatura brasileira contemporânea não seria possível apenas graças aos seus esforços pessoais. Essa posição tem sido construída *na e por meio da* rede de relações sociais de interdependências na qual ela está inscrita como mulher negra e escritora.

Elias mostra-nos que “uma pessoa não se divide em artista em um compartimento e ser humano no outro” (ELIAS, 1995, p.85). Como visto, não foi possível pensar o surgimento e o desenvolvimento do talento criativo musical de Mozart sem

considerar a constelação familiar e a rede de relações sociais de dependências mútuas mais ampla na qual ele estava inserido. O que esse sociólogo nos aponta é o processo de desenvolvimento do “artista no ser humano”, ou seja, o Mozart/músico se formando no interior do Mozart/homem.

Tendo isso em vista, acredito não ser possível dissociar a Conceição/mulher negra da Conceição/escritora negra. A segunda tem se desenvolvido no interior da primeira. Portanto, não é possível separar a Conceição/escritora negra das experiências sociais da Conceição/mulher negra. Tampouco considerar o aflorar e a maturação de seu talento literário fora de suas relações de interdependência com outros indivíduos. Assim, por meio da configuração de sua trajetória, detenho-me no estudo dos lances decisivos de sua experiência social que concorreram para que ela viesse a optar pela carreira literária.

O surgimento e o desenvolvimento do talento criativo literário

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 1946, em Belo Horizonte (MG). Um dos registros oficiais que atua como uma das instâncias sociais instituidoras da identidade de um indivíduo – pelo menos do ponto de vista legal – é a certidão de nascimento. Nela, há a atribuição de um nome, um local e uma data de nascimento, o reconhecimento da filiação e de outros elementos de identificação do bebê como, por exemplo, a cor de sua pele. De acordo com Evaristo, as informações pertinentes ao tempo e ao lugar de seu nascimento devem ter sido dadas pela sua mãe, Josefina Evaristo, no ato do registro. Em suas palavras:

Mãe, hoje com os seus 85 anos, nunca foi mulher de mentir. Deduzo ainda que ela tenha ido sozinha fazer o meu registro, portando algum documento da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte. Uma espécie de notificação indicando o nascimento de um bebê do sexo feminino e de cor parda, filho da senhora tal, que seria ela. Tive esse registro de nascimento comigo durante muito tempo. Impressionava-me desde pequena essa cor parda. Como seria essa tonalidade que me pertencia? Eu não atinava qual seria. Sabia sim, sempre soube que sou negra (EVARISTO, 2009).

O dado intrigante para Evaristo nesse documento era a atribuição da cor. O imbróglio é, sem dúvidas, revelador do modo como a sociedade brasileira racializa as relações sociais por meio de um sistema de classificação das tonalidades de pele, com o propósito de lidar com a questão racial, possibilitando aos indivíduos uma aparente solução para os lugares desiguais que brancos e negros ocupam na

estrutura social. As tonalidades “pardo”, “moreno” “moreno cor de canela”, “moreno cor de chocolate” e tantas outras, na verdade, operam um aparente deslocamento de um espaço subalterno socialmente conferido às tonalidades de pele escuras (“preta” ou “negra”). No entanto, as assimetrias permanecem. Evaristo questiona-se a respeito do lugar que lhe foi imposto pela tonalidade “parda”. Desde cedo ela tomou consciência de seu pertencimento racial e dos desafios de tornar-se negra em meio a uma sociedade com o passado escravocrata e que mal conseguiu resolver o problema da inserção do sujeito social negro em sua estrutura.

Evaristo é oriunda das classes sociais empobrecidas. A escassez de recursos financeiros, a luta de sua mãe e da sua família para assegurar a sobrevivência é um traço marcante em sua trajetória. Como visto, a mãe foi sozinha registrá-la. O pai biológico não mais se fazia presente. Evaristo afirma conhecer pouquíssimas informações sobre ele. Ela não diz o motivo, se foi por não existirem dados disponíveis ao seu respeito, ou se esse conhecimento lhe foi negado pelo círculo familiar. Contudo, a ausência da figura paterna foi preenchida pela do padrasto. O enlace matrimonial entre sua mãe e seu novo cônjuge foi importante não apenas para suprir os déficits afetivos na infância da menina. Ele também contribuiu para uma nova configuração do arranjo familiar. Nas palavras de Evaristo:

Meu padrasto Aníbal, quando chegou a nossa casa, minha mãe cuidava de suas quatro filhas sozinha. Maria Inês Evaristo, Maria Angélica Evaristo, Maria da Conceição Evaristo e Maria de Lourdes Evaristo. Bons tempos, o de nós meninas. Minha mãe se constituiu, para mim, como algo mais doce de minha infância. O que mais me importava era a sua felicidade. Um misto de desespero, culpa e impotência me assaltava quando eu percebia os sofrimentos dela. Minha mãe chorava muito, hoje não. Tem uma velhice mais tranquila. Meu padrasto completou 86 anos e vive ao lado dela. Depois das quatro meninas, minha mãe teve mais cinco meninos, meus irmãos, filhos de meu padrasto. A ausência de um pai foi dirimida um pouco pela presença de meu padrasto, mas, sem dúvida alguma, o fato de eu ter tido duas mães suavizou muito o vazio paterno que me rondava (Idem).

Tratava-se de uma família negra, empobrecida, residente na periferia de Belo Horizonte, formada por nove filhos, uma mãe lavadeira e um pai pedreiro. As atividades profissionais da mãe, Josefina Evaristo e do padrasto, Aníbal Vitorino, não geravam o capital econômico suficiente para a satisfação das necessidades materiais da família. Essa foi uma das condições responsáveis por uma mudança importante na vida de Evaristo. Aos sete anos, ela foi residir com a mulher que passou a considerar também como uma

mãe, a saber: sua tia materna Maria Filomena da Silva. Ela diz: “Fui morar com eles, para que a minha mãe tivesse uma boca a menos para alimentar. Os dois passavam por menos necessidades” (EVARISTO, 2009). Ainda de acordo com Evaristo, o seu Tio Antônio João da Silva (Tio Totó) era pedreiro e sua Tia Lia (Maria Filomena), lavadeira, como sua mãe. No entanto, pelo fato do casal não ter tido filhos, suas condições materiais eram relativamente melhores do que a de seus pais, pois não havia a necessidade de um gasto contínuo com um grande número de pessoas. Essa inserção em um novo núcleo de sua figuração familiar proporcionou a Evaristo o acesso à educação formal. Em suas palavras:

A oportunidade que eu tive para estudar surgiu muito da condição de vida, um pouco melhor, que eu desfrutava em casa dessa tia. As minhas irmãs enfrentavam dificuldades maiores. Mãe lavadeira, tia lavadeira e ainda eficientes em todos os ramos dos serviços domésticos. Cozinhar, arrumar, passar, cuidar de crianças. Também eu, desde menina, aprendi a arte de cuidar do corpo do outro (Idem).

O deslocamento espacial e social para a residência da tia possibilitou a Evaristo as condições objetivas para a aquisição da competência da leitura e da escrita, as quais foram indispensáveis para a viabilidade de seu ofício. Ela conta-nos que aos oito anos de idade conseguiu o seu primeiro emprego como empregada doméstica. Além de proporcionar alguma renda, esse trabalho foi um suporte para a manutenção de seus estudos. A estadia na casa dos patrões exigia outras tarefas além dos afazeres típicos de serviços gerais. Evaristo auxiliava os filhos de seus empregadores com os deveres escolares. Do mesmo modo como fazia com eles, o fazia com os seus pares que residiam na periferia. O ensino lhe rendia uma parca renda. Além disso, ela continuou a ajudar a mãe e a tia com a coleta, lavagem e entrega das roupas nas casas das famílias que podiam pagar pelo serviço. Ela conta-nos que trocou muito dos serviços domésticos nas residências de professores por “aulas particulares, por maior atenção na escola e principalmente pela possibilidade de ganhar livros, sempre didáticos, para mim, para minhas irmãs e irmãos” (Idem).

Um dos estímulos à educação formal veio da mãe de Evaristo. Foi dela a iniciativa de matricular os filhos na escola. Ela desejava que eles tivessem a oportunidade de aprender a ler e escrever. Além disso, não descarto a hipótese de que ela tivesse em mente a educação como uma forma de emancipação e ascensão social. Nas palavras de Evaristo:

Em minha casa, todos nós estudamos em escolas públicas. Minha mãe sempre cuidadosa e desejosa que aprendêssemos a ler, nos

matriculou no Jardim de Infância Bueno Brandão e no Grupo Escolar Barão do Rio Branco, duas escolas públicas que atendiam a uma clientela basicamente da classe alta belorizontina. Ela optou por nos colocar nessas escolas, distantes de nossa moradia, embora houvesse outras mais perto, porque já naquela época, as escolas situadas nas zonas vizinhas às comunidades pobres ofereciam um ensino diferenciado para pior (Idem).

A preferência da mãe pelas instituições educacionais com melhores condições de ensino corrobora com a hipótese há pouco levantada. Não se tratava simplesmente de uma educação melhor, mas do que essa poderia proporcionar em termos de vantagens na concorrência por posições melhores na figuração social. Foi no espaço escolar que Conceição Evaristo começou a tomar consciência de seu talento literário. Pode-se afirmar que essa foi uma experiência decisiva para o surgimento da escritora negra no interior da mulher negra:

Posso dizer que comecei a escrever desde menina. Ao terminar o curso primário, ganhei um prêmio de redação, nos finais dos anos 50, cujo título era: “Por que me orgulho de ser brasileira?”. Lembro-me que produzi algo bastante ufanista, de acordo com o espírito da época. Recordo-me também que a minha adolescência foi marcada por um diário, por sensíveis redações e ainda por pequenos contos e poesias. Perdi todo esse material ao longo do tempo. Rasguei, queimei, joguei fora... (LIMA, 2009).

A data exata da premiação é 1958. Ela tinha doze anos de idade e, conforme o excerto acima, o desejo de escrever já havia manifestado sinal nos anos anteriores. Porém, só por meio das condições proporcionadas pelo espaço escolar que a vocação literária encontrou a oportunidade objetiva de se concretizar. Além disso, o estímulo da figuração familiar foi fundamental para o aflorar de seu pendor artístico:

Quanto ao incentivo de minha família, o que mais houve foi uma certa atenção ao meu desejo de continuar estudando. Minha tia, com a qual eu fui criada, minha mãe, um tio ex-expedicionário, todos compartilhavam de meus sonhos. Sobre a minha escrita, ou melhor, o meu dom para escrita, gosto de afirmar que não nasci cercada por livros, nasci cercada por palavras. Minha escrita nasce, talvez, mais da minha experiência com a oralidade, aprendizagem de berço, embora a leitura tenha me encantado também desde criança (Idem).

Diferente de estudos sociológicos dedicados à análise das trajetórias sociais e literárias de escritores e de escritoras, como é o caso do trabalho de Miceli (2007) ao estudar Jorge Luis Borges (1899-

1986) e de Fanini (2004, 2006) ao se debruçar sobre a vida e a obra de Clarice Lispector (1920-1977), a trajetória de Evaristo revela a possibilidade de tornar-se escritora fora de uma esfera letrada, de uma tradição familiar livresca e da inserção desde cedo nos círculos das elites intelectuais e artísticas. Conforme a escritora, sua relação com a literatura começou “nos fundos das cozinhas alheias” (EVARISTO, 2009). Ainda em suas palavras: “Minha mãe, tias e primas trabalharam em casas de grandes escritores mineiros ou nas casas de seus familiares” (Idem). O processo de socialização no qual o talento literário de Evaristo se desenvolveu também foi marcado pelas desigualdades raciais, sociais e econômicas derivadas da relação de subalternidade de sua família com as de seus empregadores oriundos das classes sociais enriquecidas. Apesar dos poucos recursos financeiros para o acesso a equipamentos culturais e a aquisição de livros, as experiências da escritora apontam-nos outra perspectiva de formação.

Gosto, entretanto, de enfatizar, não nasci rodeada de livros, do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de bens materiais era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos e amigos contavam. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia, afirmo sempre. Entretanto, ainda asseguro que o mundo da leitura, o da palavra escrita, também me foi apresentado no interior de minha família que, embora constituída por pessoas em sua maioria apenas semi-alfabetizadas, todas eram seduzidas pela leitura e pela escrita. Tínhamos sempre em casa livros velhos, revistas, jornais. Lembro-me de nossos serões de leitura. Minha mãe ou minha tia a folhear conosco o material impresso e a traduzir as mensagens. E eu, na medida em que crescia e ganhava a competência da leitura, invertia os papéis, passei a ler para todos. Ali pelos meus onze anos, ganhei uma biblioteca inteira, a pública, quando uma das minhas tias se tornou servente daquela casa-tesouro, na Praça da Liberdade. Fiz dali a minha morada, o lugar onde eu buscava respostas para tudo. Escrevíamos também, bilhetes, anotações familiares, orações... (Idem).

A escrita de Evaristo tem parte significativa de suas raízes fincadas na oralidade presente na sua figuração familiar. Dessa forma, a sua literatura traz consigo fortes marcas de um outro modo de narrar histórias. Essa outra possibilidade de contar experiências e dar sentido ao mundo tem grande influência das matrizes culturais africanas, sobretudo, de sociedades nas quais a cultura escrita ocupa um lugar diferente daquele que ela ocupa na nossa. Em suas palavras, “com todo um arsenal de oralidade e com a leitura que mais tarde fui descobrindo, tudo foi compondo, formatando a minha capacidade e gosto pela escrita” (LIMA, 2009).

Em suma, a rede de relações de dependências recíprocas na qual Evaristo esteve inserida assegurou o acesso à educação formal, bem como o estímulo à escrita e à leitura. A incorporação dessas práticas e o incentivo ao seu desenvolvimento, conjugados com os êxitos escolares, foram as condições decisivas que concorreram para sua predileção pelo ofício de escritora e, em consequência, viabilizaram a escrita e a publicação de seu primeiro texto.

O ingresso na figuração da literatura brasileira contemporânea

Evaristo decidiu imigrar para o Rio de Janeiro aos vinte e sete anos de idade, em 1973. Ela o fez com o auxílio de amigos. De modo semelhante ao deslocamento espacial para a casa da tia, esse segundo também foi compulsório. A força das circunstâncias era maior do que sua escolha de permanecer em Belo Horizonte poderia resistir. Dois anos antes, em 1971, ela e sua família foram prejudicados por um processo de reurbanização da capital mineira. Assim como muitas outras famílias, foram obrigados a deixar suas casas e se acomodarem em um espaço designado pela prefeitura. Era um lugar ermo e distante do grande centro da cidade. Isso dificultou muito o acesso aos empregos e o empobrecimento recrudesciu. Na época, Evaristo havia finalizado o curso normal no Instituto de Educação de Minas Gerais. Apesar de o diploma respaldar o seu grau de profissionalização, ela conta-nos que “com um diploma de professora nas mãos e sem qualquer possibilidade de dar aulas em Belo Horizonte, parti de ‘mala e cuia’ para o Rio de Janeiro.” (EVARISTO, 2009). Lá, ela foi aprovada em concurso público para o ensino primário e a partir de então passou a exercer a docência.

Além dos motivos profissionais e da busca por melhores condições de vida, havia também “razões literárias” para a realização do deslocamento geográfico. Em uma matéria jornalística de abril de 2018, na qual há a menção do prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura pelo conjunto da obra ganho pela escritora, Evaristo afirma ter “feito as pazes com a sua terra” (FELIX, 05/04/2018). Ela lembrou o início da carreira literária, principalmente, das poucas oportunidades que Minas Gerais proporcionava para escritores estreados, sobretudo, escritores negros estreados.

Gisèle Sapiro (2007) mostra-nos o quanto a combinação das origens sociais e geográficas são dois condicionantes relevantes para a viabilização de carreiras literárias. A socióloga aponta-nos que a proximidade ou a distância que as/os escritoras/escritores têm dos grandes centros urbanos promotores da cultura faz diferença no modo como se inserem nas cenas intelectuais e artísticas e,

consequentemente, conseguem sua inclusão na vida literária e no mercado editorial. Na região Sudeste do Brasil, metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro concentram em seu espaço urbano uma parcela significativa da promoção de ações culturais, equipamentos, feiras, agremiações, festivais e as sedes físicas das grandes editoras nacionais. Portanto, migrar para o Rio de Janeiro e estabelecer residência nesse polo cultural foi crucial para a edição e publicação do primeiro texto de Evaristo.

De acordo com a escritora, a ida para o Rio de Janeiro proporcionou seus primeiros contatos com as discussões étnico-raciais. Apesar de ter convivido por mais de uma década com o seu tio materno, Osvaldo Catarino Evaristo, com o qual afirma ter aprendido “suas primeiras lições de negritude” (EVARISTO, 2009), foi na metrópole carioca da década de 70 que as “discussões étnicas” (Idem) entraram no horizonte de suas reflexões.

No mesmo período, em São Paulo, um grupo de escritoras(es) negras(os) se organizava com o objetivo de tornar a produção das/dos afrodescendentes conhecida por um público maior de leitores. Mathias (2014) aponta-nos que:

Os *Cadernos Negros* foram criados em 1978, momento no qual as lutas pela redemocratização do Brasil estavam em seu ápice, influenciadas pelas transformações que ocorriam em todo mundo ocidental. Como qualquer tipo de produção, os CNs têm importantes antecessores: a Imprensa Negra do início do séc. XX; a Frente Negra (1931); o Teatro Experimental do Negro (TEN –1944), idealizado por Abdias do Nascimento, e o Teatro Popular Solano Trindade (1950). Além deles, algumas narrativas de escritoras/es afrodescendentes figuravam, sem a relevância merecida, em poucos espaços do cenário cultural brasileiro. Esses precursores dos CNs têm como características a coletividade em sua produção e representação; têm ainda em comum o desejo de, culturalmente, problematizar e questionar os modelos hegemônicos de representação de africanas/os e afro-brasileiras/os (MATHIAS, 2014, p. 53).

Os *Cadernos Negros* foram responsáveis pela publicação do primeiro texto de Evaristo, em 1990. O Grupo Quilombhoje, formado pelos escritores negros Cuti, Osvaldo de Carvalho e Paulo Colina, foi fundado uma década antes, em 1980. Desde então o grupo tem tomado as rédeas da edição dos *Cadernos* e o tornado um importante meio difusor dos textos das/dos literatas/literatos negras/negros no Brasil, principalmente ao dar lugar para as/os estreantes. Em uma matéria jornalística publicada em maio de 2018, Evaristo afirma ter se reconhecido enquanto escritora quando teve o seu texto publicado na edição dos anos 90, aos quarenta e quatro anos de idade (CANOFRE, 03/05/2018). Ela diz que sempre escreveu,

mas que se viu enquanto escritora depois dessa publicação. A inserção de Evaristo na rede de relações do movimento social negro e nas suas ações culturais forneceu o suporte necessário para a sua estreia na literatura brasileira contemporânea.

Considerações finais

Atualmente, Conceição Evaristo tem sido um dos nomes de destaque da literatura feminina negra brasileira. Desde a estreia no início dos anos 90 até o presente, a escritora conta com 40 textos publicados. A obra individual contempla o total de seis publicações, a saber: dois romances (*Ponciá Vicêncio* [2003] e *Becos da memória* [2006]); dois livros de contos (*Insubmissas lágrimas de mulheres* [2011] e *Olhos d'água* [2014]); um livro de contos e novela (*Histórias de leves enganos e parecenças* [2016]); e um livro de poemas (*Poemas de recordação e outros movimentos* [2008]).

Há também uma obra expressiva publicada coletivamente por meio de antologias e coletâneas literárias. Ao todo são 34 textos. Chama-nos atenção a quantidade de textos em língua estrangeira sem, necessariamente, terem sido traduzidos para edições no exterior. São oito textos publicados em língua inglesa, um em língua alemã e um em língua francesa. Constata-se 10 textos, isto é, 25% da produção literária de Evaristo é em língua estrangeira.

Evaristo conta ainda com traduções para outras línguas: um romance (*Ponciá Vicêncio* [2007]) traduzido para a língua inglesa e dois romances (*L'histoire de Poncia* [2015] e *Banzo, mémoires de la favela* [2016]) e um livro de contos (*Insoumises* [2017]) para a língua francesa. Portanto, constata-se o fato da transnacionalização da escritora.

O reconhecimento por meio das premiações literárias veio em 2015, com o Prêmio Jabuti na categoria contos e crônicas. Posteriormente, temos: Prêmio Faz Diferença (2017), Prêmio Cláudia (2017), Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura (2017) e Prêmio Bravo! (2018).

A autora compõe um grupo maior de escritoras negras contemporâneas. Tenho realizado um mapeamento da figuração da literatura brasileira contemporânea, com ênfase na literatura feminina negra por meio de três bases de dados, a saber: Portal Literafro (UFMG), Catálogo Intelectuais Negras Visíveis (UFRJ) e a Plataforma on-line Escritoras Negras da Bahia. Até o momento é possível constatar:

I. O total de escritoras negras brasileiras catalogadas nessas três bases de dados é de 87. Utilizei dois critérios para que elas integrassem o *corpus* da pesquisa: a) escritora viva, ou seja, estar

em atividade literária; b) autodeclarar-se escritora e/ou ter ao menos um texto publicado. Assim, o total de escritoras negras no Brasil é de 69;

II. Cruzando as datas de nascimento com as de publicação dos textos dessas mulheres, é possível situar o grupo no tempo. Assim, temos três gerações de escritoras desde o século XIX até os dias atuais: a) Entresséculos XIX/XX: Maria Firmina dos Reis (1822-1917). Estreia literária: *Úrsula*, 1859, romance; b) Século XX: Antonieta de Barros (1901-1952). Estreia literária: *Farrapos de ideias*, 1937, crônicas; Ruth Guimarães (1920-2014). Estreia literária: *Água funda*, 1946, romance; Carolina Maria de Jesus (1914-1977). Estreia literária: *Quarto de despejo*, 1960, memória; Anajá Caetano (São Sebastião do Paraíso, sul de Minas Gerais; demais dados biográficos não disponíveis). Estreia literária: *Negra Efigênia, paixão pelo senhor branco*, 1966, romance; c) Entresséculos XX/XXI: 69 escritoras, dentre elas, Ana Maria Gonçalves, Conceição Evaristo e Geni Guimarães. É possível afirmar que o grupo atual começou a esboçar seus escritos em 1978. Trata-se das três primeiras escritoras vivas do grupo contemporâneo a publicar um texto. São elas: Aline França (*Negão Dony*, novela), Fátima Trinchão (*Contemplação de uma vida*, poema) e Lourdes Teodoro (*Água marinha, ou o tempo sem palavra*, poesia).

De início, chama atenção os hiatos entre as gerações. Da primeira para a segunda, o hiato é de 78 anos. Da segunda para a atual, são 12 anos. Desde então, elas têm publicado sucessivamente os seus textos, umas mais outras menos. O caso de Evaristo tem sido de êxito pela profícua trajetória literária, cuja rede de relações de interdependências precisaria ser iluminada a fim de situar adequadamente a conquista e a manutenção de sua posição na figuração da literatura brasileira contemporânea.

Referências

CANOFRE, Fernanda. (03/05/2018), “Conceição Evaristo: ‘Falar sobre preconceito racial no Brasil é derrubar o mito de democracia racial’”. Sul 21, Geral. Disponível (on-line) em: <https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2018/05/conceicao-evaristo-falar-sobre-preconceito-racial-no-brasil-e-derrubar-o-mito-de-democracia-racial/>

DALCASTAGNÈ, Regina. (2011), “A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004”. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº 26, pp. 13-71.

ELIAS, Norbert. (1993), O processo civilizador, Vol. II: Formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

- _____. (1994), O processo civilizador. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- _____. (1995), Mozart: Sociologia de um gênio. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- _____. (1997), Os alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus no século XIX e XX. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- _____. (2001), Sociedade de corte: Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- _____. (2006), Escritos & Ensaios, Vol. 1: Estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- EVARISTO, Conceição. (2009), Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. Depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG. Disponível (on-line) em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>
- FANINI, Michele Asmar. (2004), As modulações da voz feminina na produção de Clarice Lispector: Uma sociologia de sua escrita. Dissertação (mestrado), PPGS, USP.
- _____. (2006), “As confluências entre experiência social e produção literária: Notas para uma sociologia da escrita de Clarice Lispector”. Caderno Espaço Feminino, Vol. 15, pp. 65-84.
- FELIX, Walter. (05/04/2018), “Conceição Evaristo recebe prêmio e é ovacionada em Belo Horizonte”. Uai, Arte e Livro. Disponível (on-line) em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/artes-e-livros/2018/04/05/noticias-artes-e-livros,225059/conceicao-evaristo-recebe-premio-e-e-ovacionada-em-belo-horizonte.shtml>
- LIMA, Omar da Silva. (2009), O comprometimento etnográfico afro-descendente das escritoras negras Conceição Evaristo & Geni Guimarães. Tese (doutorado), Poslit, UnB.
- MICELI, Sergio. (2007), “Jorge Luís Borges: História social de um escritor nato”. Novos Estudos Crebap, nº 77, pp. 155-182.
- MATHIAS, Adélia Regina da Silva. (2014), Vozes femininas no “quilombo da literatura”: A interface de gênero e raça nos Cadernos negros. Dissertação (mestrado), Poslit, UnB.
- SAPIRO, Gisèle. (2007), “Je n’ai jamais appris à écrire : Les conditions de formation de la vocation d’écrivain”. Actes de la recherche em sciences sociales, nº 168, pp. 12-33.